

ESCOLA _____ DATA: ____ / ____ / ____

PROF: _____ TURMA: _____

NOME: _____

Leia:

Mila

Era pouco maior do que minha mão: por isso eu precisei das duas para segurá-la, 13 anos atrás. E, como eu não tinha muito jeito, encostei-a ao peito para que ela não caísse, simples apoio nessa primeira vez. Gostei desse calor e acredito que ela também. Dias depois, quando abriu os olhinhos, olhou-me fundamente: escolheu-me para dono. Pior: me aceitou.

Foram 13 anos de chamego e encanto. Dormimos muitas noites juntos, a patinha dela em cima de meu ombro. Tinha medo de vento. O que fazer contra o vento?

Amá-la – foi a resposta e também acredito que ela entendeu isso. Formamos, ela e eu, uma dupla dinâmica contra as ciladas que se armam. E também contra aqueles que não aceitam os que se amam. Quando meu pai morreu, ela se chegou, solidária, encostou sua cabeça em meus joelhos, não exigiu a minha festa, não queria disputar espaço, ser maior do que minha tristeza.

Tendo-a ao meu lado, eu perdi o medo do mundo e do vento. E ela teve uma ninhada de nove filhotes, escolhi uma de suas filhinhas e nossa dupla ficou mais dupla porque passamos a ser três. E passeávamos pela Lagoa; com a idade, ela adquiriu “fumos de fidalgos” como o Dom Casmurro, de Machado de Assis. Era uma lady, uma rainha de Sabá numa liteira inundada de sol e transportada por súditos imaginários.

No sábado, olhando-me nos olhos, com seus olhinhos cor de mel, bonita como nunca, mais que amada de todas, deixou que eu a beijasse chorando. Talvez ela tenha compreendido. Bem maior do que minha mão, bem maior do que o meu peito, levei-a até o fim.

Eu me considerava um profissional decente. Até semana passada, houvesse o que houvesse, procurava cumprir o dever dentro de minhas limitações. Não foi possível chegar ao gabinete onde, quietinha, deitada a meus pés, esperava que eu acabasse a crônica para ficar com ela.

Até o último momento, olhou para mim, me escolhendo e me aceitando. Levei-a, em meus braços, apoiada em meu peito. Apertei-a com força, sabendo que ela seria maior do que a saudade.

CONY, Carlos Heitor. Mila. In: *Histórias de Bichos*. Viana, Maria Org. Para Gostar de Ler – São Paulo – Editora Ática – 2013).

Questão 1 – A conjunção é subordinativa quando liga orações dependentes de sentido entre si. Aponte a frase em que há uma conjunção subordinativa:

- () “[...] por isso eu precisei das duas para segurá-la [...]”
- () “E também contra aqueles que não aceitam os que se amam.”
- () “[...] ela adquiriu ‘fumos de fidalgos’ como o Dom Casmurro, de Machado de Assis.”

Questão 2 – Na oração “E, como eu não tinha muito jeito [...]”, o autor empregou a conjunção subordinativa “como” para exprimir:

- () uma causa
- () uma comparação
- () uma conformidade

Questão 3 – Neste trecho, há uma conjunção subordinativa. Sublinhe-a:

“[...] encostei-a ao peito para que ela não caísse, simples apoio nessa primeira vez.”

Questão 4 – No trecho acima, a conjunção subordinativa indica:

- () uma condição
- () uma finalidade
- () uma consequência

Questão 5 – Em “Quando meu pai morreu, ela se chegou, solidária [...]”, a conjunção subordinativa estabelece entre as orações uma relação de:

- () lugar
- () tempo
- () intensidade

Questão 6 – No segmento “[...] bonita como nunca [...]”, o termo “como” é:

- () uma preposição
- () um advérbio de intensidade
- () uma conjunção subordinativa comparativa

Questão 7 – Pode-se afirmar que as conjunções subordinativas, analisadas nas questões anteriores, compõem:

- () um conto
- () uma crônica
- () uma resenha